

AS MENINAS EXEMPLARES / 2025

um filme de JOÃO BOTELHO

Realização: João Botelho / *Argumento:* João Botelho, Leonor Pinhão, a partir da trilogia de livros da Condessa de Ségur, “Os Desastres de Sofia”, “As Meninas Exemplares” e “As Férias” / *Direção de fotografia:* João Ribeiro; drone: Joana Marques, Luís Graciano / *Fundos a óleo:* Vera Midões / *Decoração:* Cláudia Lopes Costa / *Adereços:* Ana Costa, Jaime Carretero, Tiago Rodrigues / *Figurinos:* Luísa Pacheco / *Chefe de guarda-roupa:* Susana Moura / *Chefe de caracterização:* Nuno Esteves ‘Blue’ / *Cabelos:* Teresa Dias ‘Tareca’ / *Música:* Daniel Bernardes / *Montagem:* João Braz / *Direção de som:* Ricardo Ganhão / *Montagem de som:* Paulo Abelho, Hugo Leitão / *Misturas:* Paulo Abelho, Hugo Leitão / *Correção de cor:* Jennifer Mendes / *Efeitos especiais:* Jorge Carvalho / *Assistência de realização:* António Pinhão Botelho, Pedro Silva / *Anotação:* Francisco Botelho / *Interpretação:* Rita Durão, Catarina Wallenstein, Crista Alfaiate, Joana Botelho, João Estima, Dinis Gomes, Cláudio da Silva, Marcello Urgeghe, Margarida Marinho, Leonor Silveira, Ana Bustorff, Cristina Carvalhal, António Durães, João Barbosa, Orlando Sérgio, Elsa Valentim, Alexandra Sargento, Hugo Mestre Amaro, Sofia Marques, João Pedro Vaz, Rita Martins, Ricardo Aibéo, Mitó Mendes, Rita Rocha Silva, Victoria Guerra, Rita Blanco, Rui Morisson, Catarina Vicente; *Ao piano:* André Piolanti.

Produção: Ar de Filmes (Portugal, 2024) / *Produção:* Alexandre Oliveira / *Direção de produção:* Pedro Bento / *Coordenação de pós-produção:* Pedro Ramalheite / *Cópia:* DCP, colorida, falada em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia:* 7 de novembro de 2025, Teatro Municipal de Bragança / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão com a presença de João Botelho e de Golgona Anghel, que organizou o livro *João Botelho: «Filmo um texto como se fosse um rosto»*.

A génese de **As Meninas Exemplares** – segundo João Botelho – remete para 2001. Mais precisamente, para setembro de 2001, dias antes do choque contra as Torres Gémeas que viria a transformar, por completo, o nosso mundo. Estava o realizador no Lido, porque apresentava **Quem és tu?** na Competição Oficial do Festival de Veneza, e ao atravessar a Praça de São Marcos alguém se aproximou dele e lhe tocou no ombro. *É o João Botelho, não é?* Paula Rego identificara-o no meio da multidão e abordara-o. A pintora estaria em Veneza com uma exposição da sua obra e dera-se essa feliz coincidência dos dois se cruzarem, por acaso. “Ofereceu-me um copo de vinho” e, entre uma coisa e outra, surgiu a vontade de trabalharem juntos. A partir do entusiasmo partilhado pelos livros de Sophia Rostopchine, conhecida por Condessa de Ségur (“Os Desastres de Sofia”, “As Meninas Exemplares” e “As Férias”), a artista plástica terá prometido, “Eu faço tudo, faço os cenários, faço o guarda-roupa, faço tudo!” O dossiê foi escrito, tentou-se financiamento junto do Instituto do Cinema, mas não houve apoio. O projeto foi sendo adiado até que, em 2022, Paula Rego morreu, aos 87 anos. Agora, João Botelho concretiza, finalmente, o filme, dedicando-o à artista – e fazendo deste uma homenagem aos “gestos”, às “posições do corpo” e ao “modo como falam” as personagens dos seus quadros.

Este é, pelas minhas contas, o terceiro filme em que João Botelho filma através do olhar dos seus mortos. Antes houve **A Corte do Norte**, que começava com uma página do romance da Agustina com uma dedicatória do próprio realizador endereçada a José Álvaro Morais que fora, recorde-se, o primeiro a desenvolver uma adaptação para cinema do livro, adaptação essa que serviu de base de trabalho a João Botelho. E depois, claro, **O Cinema, Manoel de Oliveira e Eu**, especialmente pelo episódio final desse filme em que o realizador procura filmar um projeto que Oliveira pensara na juventude, de seu nome “A Rapariga das Luvas”, e que permanecera – até à sua morte – por realizar. Juntamente com estes dois, **As Meninas Exemplares** forma uma espécie de trilogia de filmes feitos sob o signo da morte, ou melhor, filmes rodados segundo um ponto de vista *post mortem*, onde a homenagem se confunde com a exumação. Até porque, invariavelmente, cada um deles se concretizou pouco depois do falecimento de cada um dos visados (cinco anos após a morte de Álvaro Morais, um ano depois da morte de Oliveira, três depois da morte de Paula Rego).

A propósito do filme – e em diálogo com este – a Casa das Histórias Paula Rego organizou uma exposição itinerante que clarifica o vínculo do filme de Botelho ao olhar da pintora. Como esclarece a curadora da exposição “As Meninas Exemplares de Paula Rego”, Catarina Alfaro, a obra da Condessa de Ségur “cativou a artista desde a sua infância”, cintando-a, “As minhas rapariguinhas vêm todas da tradição francesa, mais do que a tradição inglesa. (...) Todas as meninas bem-comportadas adoravam

ler sobre meninas marotas. E más. Esse era o meu mundo.” Na genealogia deste fascínio, Alfaro recorda um catálogo de uma exposição de 1971 com passagem de “As Meninas Exemplares” e, claro, a série de oito desenhos de 2001 que ilustram passagem de “Os Desastres de Sofia” – eventualmente produzidos na sequência do encontro com João Botelho, antecipando já o possível trabalho em torno dos referidos cenários e guarda-roupa. A estes, a exposição juntou ainda duas litografias feitas em 2000 para uma outra colaboração, desta feita com Adília Lopes, onde o espectro da “divina condessa” (palavras de Adília na correspondência com a pintora) se faz igualmente sentir.

O filme de Botelho parte de alguns desses desenhos (mas de um entendimento mais transversal da obra de Paula Rego) para produzir um filme que leva à letra o misto de crueldade e inocência que se reconhece em muito do trabalho da pintora. Botelho trabalha a *mise en scène* e a adaptação literária a partir de uma dramaturgia oriunda das telas de Paula Rego. Essa operação traduz-se de forma ostensiva na escolha de atores adultos para interpretarem papéis de crianças (replicando, um pouco, o lado grotesco dos desenhos e gravuras), mas também numa abordagem “de choque” à iluminação, que banha com uma chapada de luz o primeiro plano de todos os enquadramentos. Há uma claridade – próxima do *flash* de fotografos como João Tabarra ou António Júlio Duarte – desconcertante, que promove uma desrealização da paisagem natural de fundo, como se – de súbito – os exteriores fossem filmados em estúdio (e, paradoxalmente, na cena de sonho, o estúdio é filmado como exterior). E isso, essa exposição violenta à luz, é algo que não deixa de nos remeter para a obra plástica de Paula Rego.

Porém, se integrei o filme numa “Trilogia *post mortem*”, talvez seja mais justo entender **As Meninas Exemplares** – no contexto da filmografia do realizador – como o terceiro vértice do “triângulo de farsas no feminino”, completado por **Tráfico** e **A Mulher que Acreditava Ser Presidente dos Estados Unidos da América**. De facto, os homens só surgem em **As Meninas Exemplares** no tomo final (aquele que remete para o terceiro tomo, “As Férias”, e para os vários primos e tios), pelo que, à imagem dos outros dois filmes, este é também coral, feito em torno de um vasto elenco de atrizes (sendo que só uma delas atravessa os três títulos, Rita Blanco), onde o festim de cores garridas e o excesso da pantomima dominam a ação.

Esta recorrência pontual da farsa na obra de Botelho surge aqui enquadrada, a partir do primeiro plano, por uma citação a Manoel de Oliveira: a primeiríssima imagem após o genérico de abertura corresponde a um quadro delineado pelo buraco da fechadura, o que é uma evidente referência a **O Passado e o Presente**, a primeira farsa da obra de Oliveira (que, como Botelho, também se dedicava, pontualmente, a essa forma de comédia) – sendo que, mais adiante, lá virá a “eterna roda” de **Dia do Desespero**. Mas, estou em crer, o vínculo com Oliveira é mais profundo. Recorde-se que foi Oliveira quem afirmou que as personagens de **A Caixa** poderiam ser entendidas como as crianças de **Aniki-Bobó** se tivessem chegado à meia-idade (e, de mesmo modo, também se podem entender as personagens de **O Gebo e a Sombra** como o seu regresso na velhice). Ora bem, as “meninas exemplares” são – em grande medida – uma regressão das personagens de **Tráfico** e de **A Mulher que Acreditava...**, como se, com o passar dos anos, fossem rejuvenescendo. Entenda-se essa “regressão” também em sentido psicanalítico. “Quando uma pessoa fica mais velha volta à infância”, disse o realizador a propósito deste filme, recordando que “As minhas irmãs eram mais velhas, [e os livros da Condessa de Ségur] era o que havia lá em casa. Aprendi a ler aos seis anos. Os primeiros livros que li foram estes. Inquietaram-me, mas eu não percebia bem porquê.”

Setenta anos depois, João Botelho parece realizar **As Meninas Exemplares** para esclarecer a razão dessa inquietação. E, pelo caminho, percebe que esse tumulto infantil já se vinha fazendo sentir nos filmes que foi realizando e numa atitude que sempre caracterizou o seu cinema. Como a Sofia – extraordinária Rita Durão! –, também Botelho se diverte a destruir as suas bonecas, que é como quem diz, se diverte a levar à letra as suas brincadeiras. **As Meninas Exemplares** é um divertimento que leva muito a sério o prazer do jogo (do *gag*, do tempo cómico, do esgar, da suspensão do diálogo, do arabesco, da contorção, do foco de luz, do fora de campo, da paleta de cores, do potencial onírico, do pitoresco, da elipse); o jogo das formas de cinema.

Ricardo Vieira Lisboa